

RESENHA



## **Trabalhadoras domésticas: saberes subalternos, tensões e resistências na cozinha da patroa**

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. *Domésticas: cotidianos na comensalidade*.  
Belo Horizonte: Letramento, 2018. 200 p.

**Eliane Terezinha Lopes\***

O domínio do patriarcado instituiu a posição da mulher na sociedade delegando-lhe a responsabilidade do lar e seus afazeres. No entanto, ao longo da história a divisão de classes encarregou-se de terceirizar tais tarefas a mulheres das classes subalternas. Discutindo as nuances dessa posição de papéis, a obra *Domésticas: cotidianos na comensalidade* (2018), de Maria Luisa Jimenez-Jimenez, busca analisar as relações entre patroas e trabalhadoras domésticas e os conflitos existentes nesse cotidiano. No entanto, a autora utiliza o espaço da cozinha para a análise. É por meio do preparo dos alimentos e todos os procedimentos que envolvem a alimentação na vida dessas mulheres que a autora propõe reflexões sobre esses espaços de relações tensas e ao mesmo tempo flexíveis.

Maria Luisa Jimenez-Jimenez é Doutoranda em Estudos Interdisciplinares de Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea, pela UFMT, e graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Sua pesquisa sobre trabalhadoras domésticas, seus cotidianos e o universo da cozinha e do cozinhar nesse ambiente, é que culminaram no livro aqui re-

.....  
\*Graduanda em Ciências Sociais (Fundação Universidade Federal de Rondônia). E-mail: lopes.eliane2014@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4579-4302>.

tratado, sendo o resultado de sua dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

A obra está estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado *Domésticas: da escravidão à vida contemporânea*, parte de uma perspectiva histórica do trabalho doméstico no Brasil, desde suas raízes no período escravocrata à construção do lugar da trabalhadora doméstica nos lares brasileiros. Os manuais conservadores ensinando como lidar com as “empregadas” no cotidiano, até os dias atuais, com a utilização de redes sociais como os *blogs* com dicas de como tratar e manter uma trabalhadora doméstica. No segundo capítulo, que tem como título: *Domésticas: mulheres em carne e osso*, a autora apresenta os caminhos da pesquisa. Apontando desde a abordagem das entrevistadas, como se deu o processo da observação participante, a metodologia e as teorias que fundamentam o trabalho. No terceiro e último capítulo, denominado *Domésticas: lugares, espaços e consumos*, são discutidos os resultados da pesquisa. Apontando para as tensões existentes na relação entre trabalhadoras e empregadoras, demonstrando situações de resistências e troca de saberes.

Sendo assim, a pesquisa aqui retratada foi desenvolvida no município de Chapada dos Guimarães/MT, por meio da observação participante. Participaram da pesquisa 12 (doze) trabalhadoras domésticas e 7 (sete) empregadoras. Baseada na interdisciplinaridade, buscando conceitos na Antropologia, Sociologia do Cotidiano e estudos contemporâneos sobre consumo a autora traz histórias de vida de mulheres pobres, negras e filhas de quilombolas. Narradas em primeira pessoa, porque, segundo Jimenez-Jimenez (2018, p. 183), “Com a narrativa no EU, participo dos acontecimentos. [...] acredito ser de muita importância essa visão subjetiva, visto que contei o que vi, ouvi, fiz parte, presenciei, observei e senti”. Assim, dando voz às personagens principais – trabalhadoras domésticas – a obra retrata o cotidiano de mulheres que vivenciam a invisibilidade na sociedade e que, dado o preconceito e o estigma social que a profissão acarreta, nunca são ouvidas. Como pontua Jimenez-Jimenez (2018, p. 22): “Sendo elas filhas, netas e bisnetas de escravos, que nunca disseram o que pensam ou o que sabem sobre esse vínculo de trabalho, povoado de contradições, reconhecimentos, amizades, desencontros, afetividades, dor e proximidades”.

Apontando os caminhos da pesquisa e a participação do pesquisador no fazer etnográfico, a autora destaca a construção da pesquisa baseada no entendimento da vida cotidiana. Todavia, a aproximação com os sujeitos da pesquisa requer interação e confiança, laços estes que são construídos no decorrer do trabalho. Afinal, fazer etnografia é ouvir e se fazer ouvido, é estar atento, mesmo onde aparentemente nada ocorre, conforme situa Jimenez-Jimenez (2018, p. 78), “[...] na construção da pesquisa aqui proposta, são as domésticas da cidade de Chapada dos Guimarães que são ouvidas, o objetivo é dar voz a elas, contudo, não dentro de um monó-

logo, em que só elas falaram, mas um diálogo entre eu e elas”. Buscando assim, a interpretação de ações e cenários vividos por grupos sociais à luz de teorias, a partir de suas vivências e interações com o cotidiano.

Dessa forma, a obra traz em seu contexto como essas mulheres se veem na luta diária de trabalhadoras domésticas, seus saberes e modos de fazer na cozinha, suas reflexões e suas lutas por reconhecimento e dignidade na profissão.

Apontando as características do município onde a pesquisa foi realizada – Chapada dos Guimarães/MT – a autora destaca suas origens, salientando que sua fundação se deu a partir de povos negros e indígenas – descendentes de quilombolas e povos indígenas da região – e que a desigualdade social permeia as áreas urbanas e rurais do município. Onde, de um lado vivem ricos fazendeiros – pecuaristas e produtores de soja – e do outro; uma população carente com elevados índices de problemas sociais. A desigualdade social é apontada por Jimenez-Jimenez (2018, p. 21), destacando que “são esses indivíduos, os mais pobres, que prestam serviços domésticos nas casas da classe mais abastada da cidade”. Ademais, a autora aponta que em estudos datados da década de 1970, evidenciam a estratificação social na região oriunda da escravidão, herança dos senhores de engenho. Corroborando ainda o fato de que, na época dos senhores de engenho, os escravos cuidavam da fazenda enquanto seus senhores mantinham endereço permanente na capital, Cuiabá. Na atualidade, as trabalhadoras domésticas da pesquisa cuidam das casas que servem de casas de veraneio ou lugar de lazer para seus patrões, pois a classe abastada do município, em sua maioria, possui residência fixa na capital, Cuiabá. Assim, evidencia-se a continuidade de um sistema de exclusão que legitima ao longo da história a estratificação social e racial.

Partindo de perspectivas históricas, Jimenez-Jimenez (2018) desenvolve uma análise sobre as condições em que o trabalho doméstico se originou no Brasil. Aponta suas raízes na colonização, com a escravidão dos povos negros, quando todo o serviço doméstico da casa de seus senhores era destinado aos escravos. Destaca ainda, que após a abolição da escravatura – Lei Áurea – em 1888, o trabalho doméstico continuou como única opção para muitos negros libertos, forçando-os a prestar serviços domésticos como forma de sobrevivência, conforme apregoa Jimenez-Jimenez (2018, p. 36), “Nessas condições, os afazeres domésticos acabaram sendo executados por pessoas que fugiam da escravidão, mas não tinham como sobreviver sem casa e comida”. Jimenez-Jimenez (2018, p. 38), observa que “[...] as empregadas de hoje desempenham o mesmo trabalho que as negras escravas executavam, porém com outro nome, o de trabalho doméstico”. Em que pese o estigma social e a baixa remuneração, atrelados à necessidade de quem se propõe a exercê-lo, que conforme apontam os estudos sobre o tema, são exercidos em maior número por mulheres negras e pobres.

Igualmente, a autora discute o papel do patriarcado na subalternização da mulher na sociedade, que segundo ela, contribuiu para a delegação dos serviços domésticos à figura feminina, culminando na desvalorização da profissão. Juntamente com o papel da mulher na manutenção da organização do lar, Jimenez-Jimenez (2018) analisa os manuais de instrução femininos – a partir das décadas de 1950 – que tinham como objetivo auxiliar as mulheres das classes abastadas na organização do lar e comportamentos em sociedade – padrões de civilidade – já que neste momento a sociedade brasileira caminhava para a modernização. Ademais, com a modernização e expansão do capitalismo, a mulher começa a ocupar o mercado de trabalho e a figura da trabalhadora doméstica remunerada se faz cada vez mais presente nos lares brasileiros.

Segundo a autora, esses manuais serviam como dicas para o comportamento da dona de casa sobre como tratar e manter uma trabalhadora doméstica no lar, o que atualmente, na era tecnológica, são encontrados em *blogs* e redes sociais. Demonstrando que as práticas excludentes e os costumes reacionários com a classe trabalhadora doméstica permanecem quase que inalterados. Nota-se, portanto, o retrato dessa visão conservadora nas reações da classe burguesa diante da aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 66/2012, conhecida como a PEC das Domésticas, que culminou na aprovação da Lei Completar nº 150, em 1 de junho de 2015, garantindo a equidade de direitos aos trabalhadores domésticos brasileiros.

A relação entre empregadoras e trabalhadoras domésticas são guiadas por momentos de tensões e atenuações. A autora utiliza o conceito de representação teatral de Ervin Goffman, para explicar os papéis sociais que esses atores – trabalhadora e empregadora – representam no cotidiano. O conflito faz parte da rotina dessas mulheres, no entanto, são atenuados conforme a necessidade de cada uma. As trabalhadoras em sua maioria declaram que suportam abusos por parte das empregadoras, ora por necessidade financeira, ora porque são compensadas com alguns mimos extras. Por outro lado, algumas empregadoras declaram não estar satisfeitas com suas trabalhadoras, mas preferem relevar a insatisfação, a ficar com toda a responsabilidade das tarefas. A representação de papéis também marca o lugar social de cada indivíduo, a trabalhadora como subalterna recebe ordens e a executa. Portanto, a autora aponta que as ordens são dribladas conforme a ausência da empregadora, com justificativas e ressalvas de que, seguindo as ordens a comida não ficaria boa e a culpa recairia sobre a trabalhadora.

Outra questão apontada por Jimenez-Jimenez (2018) é em relação ao capital econômico e cultural que separa os atores sociais da pesquisa. Para essa análise a autora utiliza o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, tratando da reprodução de classe e do espaço social existentes no cotidiano desses sujeitos. No contexto da pesquisa surge nas falas das pesquisadas a separação entre empregadores e trabalhadoras no sentar-se à mesa para as refeições. Essa prática aponta para o lugar do subalterno oposto ao do do-

minador. A mesa seria lugar daqueles que fazem parte do grupo familiar, e mesmo quando a trabalhadora se diz respeitada nos seus direitos e tratada dignamente, ela sabe que sentar-se à mesa não é lugar que lhe cabe, conforme aponta Jimenez-Jimenez (2018, p. 153) “[...] a mesa dos patrões não é frequentada pelas trabalhadoras. A hierarquia fica evidente, uma vez que só a família e convidados devem sentar-se juntos e que, naquele ambiente, não há espaço para as trabalhadoras”. Dessa forma, fica evidente a estratificação social no ambiente de trabalho dessas mulheres, que demarcam lugares e apontam diferenças classificatórias em classes sociais e raciais.

Entre diferenças e aproximações que são apontadas na pesquisa, a autora traz a cozinha como lugar de estranhamento cultural e de consumo a empregadoras e trabalhadoras. Em determinados momentos da pesquisa, as trabalhadoras revelam desapontamentos com iguarias que são recomendadas a cozinhar para seus patrões, e da mesma forma, iguarias que são apresentadas aos patrões sendo rejeitadas por estes, demonstrando gostos e paladares opostos. Igualmente, os padrões de consumo das trabalhadoras, quando seus eletrodomésticos e utensílios são tão bons ou melhores quanto os da casa da patroa. Evidenciando assim, a preocupação dessas mulheres em sua qualidade de vida, afirmação e valorização pessoal. Visto que, a autora afirma não ter encontrado mulheres submissas à patroa, sem representatividade, ao contrário disso, encontrou trabalhadoras conscientes de sua posição na sociedade, exigindo que seus direitos sejam respeitados e cumpridos.

No entanto, a cozinha da casa que aponta a distância social separando dois mundos opostos também os aproxima. A autora aponta momentos de trégua entre empregadora e trabalhadora, quando ambas se unem na cozinha para o preparo dos alimentos ou quando há a troca de receitas entre elas, revelando o rompimento de barreiras sociais e culturais. O que desvela um mundo submerso em tradições e contradições; um universo que convive há séculos sobre a hierarquia da exploração de mão de obra desvalorizada, herança da história escravocrata, que luta para ser superada.

Conforme a autora aponta em sua pesquisa, a valorização e o reconhecimento da profissão são exigidos por essas mulheres, o que indica uma resignificação em ser trabalhadora doméstica no Brasil. No entanto, o preconceito arraigado na sociedade brasileira, no intuito de manter os privilégios da sociedade burguesa, ainda permeia a profissão. Contra essas mazelas, a luta pelos direitos dessas trabalhadoras e a aprovação da Lei nº 150/2015, tem alavancado a valorização da profissão: um vislumbre pela busca por dignidade para a classe trabalhadora.

## Referências

JIMENEZ-JIMENEZ, M L. *Domésticas: cotidianos na comensalidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 200 p.

DOI: 10.12957/rep.2019.45248



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.